
Análise da representação do Semiárido na série de documentários “Vozes do Velho Chico” (2016)¹

Meiwa MAGALHÃES²
Carla Conceição da Silva PAIVA³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este artigo examina como a série de documentários *Vozes do Velho Chico* (2016), realizada pela TV Caatinga em parceria com a Globo Universidade, representa o Semiárido brasileiro para além dos estereótipos, como a fome e a miséria, normalmente presentes na grande mídia. Os documentários têm suas histórias enlaçadas com o rio São Francisco, como pano de fundo, e se passam em cidades do Território do Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano. A pesquisa foi fundamentada nas teorias das representações sociais e análise de conteúdo, revelando como essa produção utiliza narrativas diversificadas que superam as perspectivas simplistas e estereotipadas da região, auxiliando na compreensão mais abrangente desse espaço geográfico.

Palavras-chave: Representações Sociais; Semiárido; WebTV Caatinga; Documentário; Vozes do Velho Chico.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, intitulada “Análise da Representação do Semiárido Brasileiro nos Documentários da Web TV Caatinga”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - Fapesb. O artigo propõe uma análise detalhada das produções documentais postadas no canal do YouTube da Web TV Caatinga, com o objetivo de examinar se esses materiais contribuem para reforçar ou desconstruir estereótipos associados a essa região.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais nos meios de comunicação exercem uma influência considerável na sociedade, configurando percepções, valores e comportamentos. Essas representações impactam a maneira como diversos grupos são retratados e percebidos, podendo tanto refletir as visões predominantes da sociedade quanto questionar e subverter tais normas. Desempenham, portanto, um papel

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do DCH III - UNEB, Bolsista Fapesb, e-mail: meiwalayramagalhaescosta@gmail.com

³ Docente do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do DCH III - UNEB, e-mail: ccspaiva@gmail.com

fundamental na formação da identidade individual e coletiva. Ainda segundo essa autora, os conceitos, conteúdos e idealizações são compartilhadas – salientando/destacando que essa atividade são relações coletivas na sociedade de autoafirmação. “A partilha serve à afirmação simbólica de uma pertença. A adesão coletiva contribui para o estabelecimento e o reforço do vínculo social” (Jodelet, 2001, p.34).

Partindo dessa compreensão, investigou-se como as narrativas sobre o Semiárido brasileiro na série de documentários intitulados Vozes do Velho Chico, composta por cinco produções com cerca de cinco minutos cada, reproduzem ou não signos de nordestinidade, que, de acordo com Paiva (2006), podem ser denominados como maneiras de ver essa região, por meio de determinadas imagens e discursos traduzidos em estereótipos, como o vaqueiro, o migrante, a religiosidade exacerbada etc. Ideias construídas dentro do gênero da ficção cinematográfica que lançam bases para a criação ou fortalecimento de todo um imaginário coletivo concernente à realidade representada.

Esses documentários são produções independentes, supervisionadas pela parceria entre a TV Caatinga e a TV Globo (Projeto Globo Universidade), no ano de 2016. Inspirados no cenário da novela “Velho Chico” (2016), os documentários são ambientados nos territórios do Sertão do São Francisco, em Juazeiro-BA e Sertão do São Francisco, em Petrolina-PE, entre o ambiente da cidade e do campo. O projeto tem como objetivo principal explorar esse território por meio das histórias e experiências de personagens reais que habitam essa região.

A WebTV Caatinga foi fundada em março de 2012, para cumprir o papel de uma TV Universitária e dar visibilidade às ações de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf. Todo conteúdo dessa TV é disponibilizado na internet, por meio dos sites oficiais da WEBTV Caatinga e da Univasf, redes sociais como Facebook e Instagram e o canal no Youtube. Em seu site, essa WebTV se auto intitula como uma plataforma digital educativa, que visa desconstruir os estereótipos atribuídos ao Nordeste e, principalmente, aos territórios semiáridos, através de programas e reportagens, prestando serviços nas áreas de comunicação, radiodifusão, educação e cultura, utilizando-se do conceito de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro.

Para Souza (2021), o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro se enquadra nos parâmetros do jornalismo regional, caracterizado por sua abordagem principal está voltada para o que acontece em uma comunidade, um bairro, um território específico. Nessa forma de comunicação, as pessoas da região se veem representadas, são elas as protagonistas das notícias, bem como, também podem ser da própria comunidade a equipe que elabora a informação (Souza, 2021, p.41). Essa abordagem busca desconstruir as representações tradicionais ligadas à ideia de sertão e construir uma nova visão dos locais e povos que habitam essa região semiárida no Brasil (Resab, 2004).

O título “Vozes do Velho Chico” reflete a intenção de ampliar as vozes dos personagens e das comunidades que compõem essa região, mas não são representadas, normalmente, nos meios de comunicação, falas e histórias potentes que são comumente invisibilizadas. Albuquerque Júnior (2001) afirma que existe “[...] uma visibilidade e uma dizibilidade do Nordeste que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e dirigem, inclusive, o olhar e a fala da mídia” (p. 22). Ele destrincha sobre a utilização das imagens de reproduções estereotipadas associadas a um discurso, concluindo que

[...] é uma máquina imagético-discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apoia a rotina e a submissão, mesmo que esta rotina não seja o objetivo explícito, consciente de seus autores, ela é uma maquinaria discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, que a façam, mas sim que vivam uma história pronta, já feita pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, misérias e discriminações (Albuquerque Júnior, 2001, p. 85).

Os cinco episódios trabalham com cinco personagens diferentes abordando as suas múltiplas identidades. Silva (2000), conceitua que identidade faz referência primeiro àquilo que é diferente ou àquilo que não é, seu marco é a diferença. Desse modo, o indivíduo pode reconhecer o que é através do que não é, não identificando pertencimentos ao lugar, ao sotaque, costumes, vestimentas, etc. ou reconhecendo-se parte integrante de tal contexto que não lhe é estranho. Através dessa produção audiovisual percebe-se que diferentes identidades povoam esse território.

Destaca-se que este estudo merece relevância, uma vez que as representações sociais são um pilar para compreensão de processos sociais e cognitivos de como uma

ideia ou símbolo é difundido cognitivamente no âmbito social. “[...] a observação das representações sociais é algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos diversos espaços, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas” (Jodelet, 2001, p.17).

A observação da série seguiu a partir da Análise de Conteúdo (AC), que conforme discutido por Bauer (2015), permite a reconstrução de representações, também conhecidas como "mapas de conhecimento", por meio da reserva da linguagem, especialmente a linguagem audiovisual, como um meio de expressão para representar o mundo. O principal objetivo da AC é investigar as condições que influenciaram a produção da mensagem, analisando tanto a superfície do texto quanto os fatores que moldaram suas características.

Jornalismo Contextualizado com o Semiárido e outras cidadanias possíveis

A partir dos anos 1990, o Semiárido começou a ser repensado politicamente e filosoficamente, impulsionado pela atuação de instituições como a Rede de Educação do Semiárido (RESAB). Essa rede, que reúne tanto entidades governamentais quanto não governamentais, têm como objetivo central consolidar uma proposta político-pedagógica em diálogo com uma variedade de sujeitos individuais e coletivos, incorporando suas experiências para promover a convivência sustentável com o Semiárido.

Desde então, há uma movimentação acerca dos princípios da Educação Contextualizado para a Convivência com o Semiárido (ECSAB), que desempenham um papel crucial na reafirmação do Semiárido como um local de vida, oportunidades e potencialidades, destacando a importância das políticas públicas e processos educacionais contra a lógica governamental do “combate à seca”. Isso é alcançado ao compreender a construção histórica e geopolítica dos estereótipos que moldam as percepções sobre o Semiárido, assim como as diversas formas de criatividade que o constituem (Reis e Rocha, 2019).

De acordo com Simas (2020), o território apresenta uma diversidade de características educacionais, culturais, políticas, ambientais, sociais, identitárias e antropológicas. Carvalho e Schistek (2011), também destacam que o Semiárido Brasileiro (SAB) é marcado por uma grande variedade de paisagens, povos e expressões

simbólico-culturais e místicas, resultando em múltiplos semiáridos. No entanto, há críticas ao discurso assistencialista voltado para as elites da região.

O território semiárido tem sido alvo de várias cartografias ao longo do tempo, seja devido a mudanças naturais ou interesses políticos. Em 1936, as áreas com características climáticas e ecológicas desse território foram agrupadas no "Polígono das Secas". A seca de 1958-1959 levou à criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que, ao assumir a região, mantiveram a delimitação desse polígono até 1989, quando surgiu a designação Semiárido (Carvalho, 2012).

Contemporaneamente, o Semiárido abrange, principalmente o Nordeste do Brasil, compreendendo os nove estados dessa região e uma porção do Sudeste, incluindo também a parte norte de Minas Gerais. A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) ressalta que, historicamente, a área é controlada por uma elite, salientando como uma das características principais a concentração de terra. Essa concentração tem contribuído para altos níveis de exclusão social e degradação ambiental, desempenhando um papel crucial na crise socioambiental e econômica enfrentada na região.

No campo educacional do Semiárido, como observado por Luzineide Carvalho (2006), houve por muito tempo uma negligência por parte das preocupações políticas. A abordagem voltada para o “combate à seca”, centrada em políticas assistencialistas, falhou em promover a produção de conhecimento sobre a região e suas características únicas. No Semiárido, as práticas, currículos e conhecimentos que fundamentam a educação formal contribuem, como destacado por Josemar Martins (2006), para a disseminação de narrativas e concepções tidas como universais, predominantemente concebidas pelo Sudeste urbano do Brasil. Essas narrativas tendem a neutralizar a reflexão sobre as diversas realidades e experiências presentes nas escolas brasileiras em todo o país.

Essa falta de ações integradas e intersetoriais resultaram na escola permanecendo desconectada dessas questões, conforme apontado por Martins (2006). Além disso, a educação no Semiárido, marcada por disputas de poder ao longo da história regional, reflete, segundo Moreira (2000), as influências do projeto cultural estabelecido desde os tempos da colonização. A educação, muitas vezes, guiada por uma narrativa

hegemônica e materializada principalmente nos livros didáticos, é percebida como descontextualizada, pois negligencia ou minimiza as questões locais, regionais e contextuais nas escolas, sendo essencial promover a ressignificação do currículo escolar e dos saberes que permeiam a educação.

Nesse cenário, a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro se destaca no campo da comunicação, como observado por Souza (2021), por ter como intuito compreender e retratar o Semiárido na sua diversidade. O jornalismo, construído dessa forma, em primeiro lugar, considera que problemas geográficos existem em todas as regiões do país e do mundo, devendo serem buscadas as razões ou possíveis soluções para eles.

Em segundo lugar, dar visibilidade aos valores do Semiárido brasileiro, observando que o bioma caatinga não é formado só por cactos, mas também por uma rica e vasta flora e fauna, pautando os períodos de chuva, de verde, de coloridos que compõem esse tipo de paisagem. e, por fim, não se mantém na mesmice de séculos, permitindo que sua audiência conheça as viabilidades e as potencialidades experimentadas e construídas nessa região, especialmente por seu povo.

É importante destacar que cada veículo de comunicação possui sua política editorial, com estratégias específicas. A WEB TV Caatinga, por exemplo, se dedica a divulgar o Semiárido com atenção à diversidade regional, desafiando estereótipos. Essa abordagem orienta a produção de reportagens e estabelece critérios distintos. Isso implica que essa escolha influencia a elaboração das reportagens e estabelece critérios únicos, resultando na (des)construção de representações sociais sobre o Semiárido reducionista.

Em conformidade com Santos (2016), o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro surgiu a partir da análise da produção de conteúdo de duas WebTVs educativas nessa demarcação territorial. Essas WebTVs, em espaço universitários, escolheram um procedimento que buscou combater as imagens produzidas por veículos hegemônicos de comunicação, oferecendo informações que reflitam a rotina dessas localidades. Essa linha editorial é influenciada pelas contribuições de várias entidades, tanto governamentais quanto não governamentais, que promovem e dialogam com a Convivência e a Educação Contextualizadas com o Semiárido.

O episódio Vozes do Velho Chico: Ritmo, poesia e cidadania relatam trechos da história de vida do rapper e grafiteiro Euri Mania, que nasceu e mora em Juazeiro, no interior baiano e apresenta o semiárido urbano. Através do hip hop, rap e grafite, ele desenvolve trabalhos sociais em presídios, igrejas e escolas. Essa produção de 2016, mostra a rotina do compositor, que escreve suas músicas quase sempre sobre a realidade da periferia sertaneja. Na região, ele é reconhecido como um defensor dos direitos das mulheres, da valorização da cultura local e da preservação do rio São Francisco. Na série, Euri destaca os desafios de transpor a produção musical nordestina para além do Forró, Xote e Baião. Por meio de sua arte e sua história, as câmeras percorrem a periferia urbana de Juazeiro e as produções imagéticas conseguem também refletir as problemáticas urbanas do bairro Piranga 1, onde o personagem cresceu e se tornou um multiartista, um dos fundadores da P1 Rappers.

A banda P1 Rappers ganhou reconhecimento no centro da cidade após participar de eventos musicais tradicionais, como o Festival Edésio Santos da Canção. Em 2014, sua música "Soul Nordestino" foi escolhida como a melhor pelo público. Em 2016, venceram novamente com "Nordestinais", tanto pelo júri quanto pelo público. Além das apresentações, a banda se envolve em atividades em escolas públicas, eventos do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) e shows em comunidades periféricas, combinando música, dança, grafite e reflexões sociais. O rapper Euri Mania vê sua música como uma forma de expressar a identidade cultural de Juazeiro, incorporando elementos locais ao estilo do rap (Santos, Carvalho e Santos, 2016).

Em produções cinematográficas que têm o Semiárido como pano de fundo, não são retratadas as problemáticas urbanas contemporâneas e seus desafios, como poluição do ar e da água, congestionamento de tráfego, falta de moradia acessível, desigualdade social, crime e falta de infraestrutura adequada. Em vez disso, essas produções mostram que o Semiárido é atravessado por uma variedade de problemas, indo além da gestão hídrica, como é o caso do episódio que retrata o Bairro Piranga 1, periferia de Juazeiro (BA).

O segundo episódio da série - Vozes do Velho Chico: Das águas para o vinho - conta a história do juazeirense de nascimento, Rogério Pereira, de 46 anos, que desde cedo começou a acompanhar o pai, dono de embarcações que faziam a travessia entre

Petrolina e Juazeiro, em sua rotina. Mais velho, tomou gosto por esse trabalho e assumiu o ofício paterno. Percebeu que aquela atividade poderia ser uma oportunidade de empreendimento que, além de render lucros, seria uma ótima alternativa para fomentar o turismo do Vale do São Francisco.

A produção mostra a história do barqueiro e como surgiu o "Vapor do Vinho", idealizado por Rogério, que leva turistas para conhecer as “belezas do Sertão” pelas águas do Velho Chico. O "Vapor do Vinho" é um roteiro enoturístico, iniciado em 2011, por uma parceria entre duas empresas, o Vapor de Vinho e a Miolo. A vinícola pertence ao grupo Miolo, que também está localizado no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul. A Terranova está situada em Casa Nova, Bahia.

Rogério Pereira, formado em administração, compartilha sua experiência de criar um empreendimento inspirado nos antigos vapores que costumavam transportar mantimentos básicos e essenciais para as comunidades ribeirinhas ao longo do rio da integração. Ele transformou essa tradição, passada de pai para filho, em um negócio sólido. Isso demonstra não apenas a importância do turismo na região, mas também o avanço significativo da enologia no desenvolvimento local.

O terceiro episódio, intitulado Vozes do Velho Chico: Com café e afeto, relata a história de Geórgia Romero, que nasceu em Paulo Afonso, na Bahia, cresceu e viveu em Recife, formou-se em Letras e foi professora e revisora de texto por dez anos. Após um ano e meio desempregada, mudou-se para Petrolina, onde passou a fazer o que gostava: cozinhar. Por meio da culinária, desenvolveu um trabalho que valoriza a cultura local, junto com a esposa, Soares, com quem protagonizou o primeiro casamento homoafetivo do Vale do São Francisco.

Rompendo com o padrão de visibilidade exclusiva das relações heteronormativas nas produções retratadas no Semiárido, esse episódio da série colabora para construir um novo imaginário da região, questionando padrões de gênero e sexualidade. Segundo Miranda e Garcia (2012), na política de identidade que vivemos, atualmente, as diversas formas e espaços de expressão passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais que são subordinados. É luta para expressar uma estética, uma ética e um modo de vida “que não se quer ‘alternativo’, mas que pretende simplesmente existir pública e abertamente, como os demais” (Miranda e Garcia, 2012)

Nesse episódio, o empreendimento "Café no Bule", administrado pelo referido casal que se destaca pela inovação gastronômica no Semiárido. Geórgia ressalta a importância de trazer as pessoas de outras regiões do planeta para o Vale do São Francisco, ao mesmo tempo em que promove os sabores distintos do Semiárido para o mundo. Essa dualidade reflete uma visão inclusiva e valorização da identidade local no contexto da gastronomia.

Conforme Edil Costa (2023, citado pela UNIFOR, 2022), a regionalização da gastronomia é intrínseca à cultura de um povo, destacando-se a importância de valorizar os insumos locais para fortalecer a culinária regional. Georgia, em seu empreendimento no Semiárido, além de priorizar a afetividade, propõe inovação gastronômica, abrangendo criatividade, fusão de sabores, novas técnicas de preparo e uso de alimentos orgânicos. Segundo o Senac (2024), a inovação na gastronomia pode se manifestar de diversas formas, não apenas nos ingredientes e na apresentação, mas também na experiência do cliente e na criação de novos negócios.

Destacar essa história em um veículo midiático universitário é crucial para reafirmar que a universidade e sua extensão à comunidade devem acolher e representar a diversidade de pessoas. Emerge assim uma luta para expressar uma estética, uma ética e um modo de vida "que não busca ser 'alternativo', mas sim pretende existir de forma pública e aberta, como os demais" (Miranda e Garcia, 2012).

O Semiárido retratado no campo em Vozes do Velho Chico, culturalmente ainda persistem algumas representações do campo acerca do Semiárido brasileiro, em filmes que retratam a vida das suas comunidades lidando com os desafios enfrentados devido à escassez de água e às condições climáticas. Em contrapartida a essas representações, a série Vozes do Velho Chico mostra um outro Semiárido rural, onde prevalecem manifestações culturais, tradições e as estratégias de subsistência das pessoas que vivem nessa região, mostrando sua resiliência e capacidade de superação. Nos episódios analisados a seguir, é perceptível essa movimentação.

O episódio Vozes do Velho Chico: Samba, cultura e herança, por exemplo, narra a história de Maria Clara, de nove anos, que com o seu olhar de criança, apresenta sua rotina, família, brincadeiras e o amor pelo Samba de Vêio da Ilha do Massangano, em Petrolina. A narrativa mostra a menina sambadeira, que entrou no samba influenciada pelo avô Manoel, também participante desta manifestação cultural. Ela já fez várias

apresentações com o grupo na região, e perpetua a cultura da ilha. Quando são retratados o momento escolar e as brincadeiras, Maria Clara expõe uma infância saudável.

A criança apresenta uma dança que é executada nas ilhas Massangano e Rodeadouro, muito próximas às cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, ambas comunidades são de origem quilombola. É demonstrado na sua rotina uma criança que não tem sua vida impactada pela estiagem ou a seca e que segue uma rotina familiar bem comum, fugindo do trivial apenas quando participa das apresentações culturais do grupo de samba véio, uma dança antes voltada somente para adultos.

O samba de véio

[...] é uma das manifestações culturais mais antigas da Ilha do Massangano. É de origem indígena com influência africana, uma história de mais de 100 anos, como contam os moradores mais antigos. Esta manifestação folclórica, denominada Samba de Véio pelos ilhéus, constitui-se num frenético sapatear. É formada uma roda e quem vai para o meio improvisa um sapateado diferente que contagia a todos que estão em sua volta. Os casais vão entrando para o centro da roda, sambam, pulam, riem muito e dão a famosa umbigada e, desta forma todos participam. Afastada da roda, uma fogueira é acesa para aquecer o couro do animal que cobre a parte superior de um tamborete - assento de madeira que é o instrumento de percussão responsável pela marcação da coreografia dançada pelos ilhéus. Os instrumentos utilizados são: tambores, triângulos, cavaquinho, atabaque, ganzá e pandeiro. As letras versam sobre o dia a dia dos moradores da ilha, embora as estrofes das canções não variem, há permissão para o improviso seguindo a sugestão dos versos, a pessoa que se encontra no centro aplica, em outra, uma umbigada e o canto prossegue. Depois que todos os participantes tiverem passado pelo meio da roda, nova canção será entoada. Para recuperar o fôlego, uma garrafa de cachaça é passada de mão em mão e vira atração, quando equilibradas na cabeça por um dos sambistas no centro da roda. A Associação Cultural Josefa Isabel dos Santos do Samba de Véio da Ilha do Massangano foi fundada no dia 14 de fevereiro de 2001, e é uma sociedade civil sem fins lucrativos. (Prefeitura Municipal de Petrolina, 2024).

O reconhecimento oficial do Ponto de Cultura Espaço Artístico e Cultural do Samba de Véio, na Ilha de Massangano, ocorreu em 2008, quando foi criado pela Comissão Permanente de Licitação e Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (CPL/FUNDARPE). É um marco importante, para que essa comunidade seja objeto de planejamento de políticas públicas na cultura e, em outros espaços, como também o reconhecimento de uma atividade ancestral.

Com as mudanças nas leis, os critérios de identificação e classificação dos grupos quilombolas evoluíram. Antes centrados na cor da pele, agora focam no processo de emergência do grupo, considerando laços de parentesco, religiosidade e alianças (Araújo, 2017). O processo ocorre internamente e externamente ao grupo, envolvendo estratégias de resolução de conflitos e manutenção de solidariedade. As comunidades quilombolas buscam mudanças estruturais, como combater o racismo e superar a desumanização. A falta de um conceito estatal abrangente para esse dinamismo nos leva a repensar as experiências dessas comunidades, que representam espaços de resistência e busca ativa por outra forma de existência.

O último episódio *Vozes do Velho Chico: Terra e coletividade* narra a história de Nazareth da Rocha Silva, 52 anos, professora e agricultora, pertencente a uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto. Ela se apresenta apaixonada pelo lugar onde nasceu, cresceu, criou os filhos e pretende continuar vivendo. A narrativa foi gravada na comunidade de Melancia, na zona rural de Casa Nova, na Bahia, onde ela conta a sua história e expõe seu modo de vida característico do Semiárido.

A escolha do tema e da personagem reflete uma quebra de paradigma dos estereótipos, ao apresentar o testemunho de Nazareth, que compartilha a luta de seu povo cujo território está ameaçado por interesses conflitantes. Em seu relato, Nazareth narra sua jornada como professora e sua aprovação em concurso, além de detalhar as estruturas da comunidade de Fundo de Pasto, incluindo roças coletivas, a casa de farinha e a escola. Ela destaca os conflitos pela terra e a luta da comunidade pelo domínio do espaço de seus ancestrais, enfatizando a importância da associação de Fundo de Pasto na defesa de direitos.

O uso coletivo da terra é uma prática comum em diversos estados brasileiros, sendo denominado na Bahia como "fundos e fechos de pastos", e abrangendo toda a extensão do estado. Nessas comunidades, a característica principal é o uso compartilhado da terra para a criação de animais soltos. Além disso, destaca-se o desenvolvimento de uma agricultura de subsistência e o cuidado com a preservação do bioma, juntamente com a prevalência de relações solidárias entre os moradores, muitos dos quais têm laços familiares ou de compadrio, como observado por Santos (2010).

Ainda de acordo com Santos (2010), as comunidades tradicionais de Fundo de Pasto estão situadas no bioma Caatinga. Devido às condições do clima semiárido, como

chuvas irregulares e alta taxa de evaporação, essas comunidades praticam o pastoreio extensivo durante todo o ano. A criação de caprinos e ovinos é particularmente proeminente, pois esses animais se adaptam melhor às características desses territórios em comparação com o gado. Devido ao seu porte menor e à capacidade de se alimentarem da vegetação nativa, a criação de bodes e ovelhas é mais viável para os criadores.

Considerações Finais

Os resultados revelam que a série de documentários *Vozes do Velho Chico* oferece uma narrativa diversificada, que desafia visões simplistas e estereotipadas do Semiárido brasileiro, contribuindo para uma compreensão mais ampla dessa região. O seu conteúdo demonstra a possibilidade da existência e coexistência de múltiplas realidades dentro desse território.

O processo de análise desse material, por meio da análise de conteúdo, conclui que a WEBTV Caatinga vem colaborando para a construção de outras representações sobre o Semiárido e salienta a importância de abordagens jornalísticas que valorizem a contextualização e a representatividade para promover uma imagem mais precisa e inclusiva, que desconstruam o reducionismo das identidades nordestinas, promovendo outras formas de cidadania. Em *Vozes do Velho Chico*, os espectadores podem compreender que essa região possui uma urbanidade rica, inovadora e multicultural, além de ser povoada no campo por grupos sociais distintos como quilombolas e comunidades de Fundo de Pasto.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FNJ: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Danilo Borges e Silva de. **Vozes negras: o (dis)curso quilombola do Alagadiço-BA. 2017**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Comunicação Social e Habilitação de Jornalismo e Multimeios), Universidade Federal do Estado da Bahia, Juazeiro.

ARAÚJO, Danilo Borges e Silva de. **Ta ni n'sorõ? As representações sociais dos quilombolas nos telejornais da Globo no Maranhão e na Bahia**. 168 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARVALHO, Luzineide Dourado; SCHISTEK, Harald. **A formação histórico-geográfica do Semiárido Brasileiro**. In: RESAB. Educação e Convivência com o Semiárido: Reflexões por dentro da UNEB. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2011.

JODELET, Denise. **Representações Sociais: Um domínio em expansão**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido**. In: REDE DE EDUCAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (org.). Educação para a convivência com o Semiárido brasileiro: reflexões teórico práticas. Juazeiro: Selo Editorial Resab, 2006. p. 37-67.

MIRANDA, Olinson Coutinho e GARCIA, Paulo César. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. In: Anais do III Encontro Baiano de Estudos em Cultura (EBECULT). Bahia: 2012. Disponível em: www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-comorepresentacao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

PAIVA, Carla Conceição Silva. **A virtude como um signo primordial de Nordestinidade: a identidade social nordestina dos filmes O pagador de Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. 2006. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

PERNAMBUCO, Prefeitura Municipal de Petrolina. **O samba de véio da ilha do massangano**. Disponível em: <http://www.petrolina.pe.gov/2010/turism.php>. Acesso em: 12 abr. 2024.

REIS, Edmerson dos Santos; ROCHA, Adma Hermenegildo. **A contextualização curricular insurgente no Semiárido brasileiro e a ressignificação dos saberes escolares**. In: REIS, E. S.; TELES, E. C. (Orgs). Contextualizar a educação, dar sentido aos saberes. Curitiba: CRV, 2019.

RESAB, Secretaria executiva. **Projeto inclusão, universalização e qualidade da educação no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro-BA: RESAB, 2004.

SANTOS, Cirlene Jeane Santos. **Fundos de Pasto: Tessitura da resistência, rupturas e permanências no tempo-espaço desse modo de vida camponês**. (Tese de Doutorado). USP, São Paulo. 2010.

SANTOS, Dalila Carla dos; CARVALHO, Luis Osete Ribeiro; SANTOS, Tamires de Lima. **A autoafirmação da identidade nordestina na música soul nordestino da banda de rap P1 Rappers**. ComSertões: Revista de Comunicação e cultura no Semiárido, Juazeiro: UNEB - DCH III - NUPE- EDUNEB, Edição Especial, vol. 01, nº 05, p. 28-44, jul./dez. 2017.

SANTOS, Fábíola Moura Reis. **O Sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2016.

SANTOS, Márcia Guena. **A cultura quilombola e sua presença nos espaços urbanos**. Studium Educationis. Pensa MultiMedia Editore srl. (2016). Disponível em <https://ojs.pensamultimedia.it/index.php/studium/article/view/2224/2032>. Acesso em 17 abr. 2024.

SENAC, Fecomércio. **Inovação na Gastronomia.** Disponível em: <https://blog.sc.senac.br/inovacao-na-gastronomia/>. Acesso em 17 abr. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMAS, Lorena Santiago. **Fotografia e Educação: o papel das imagens na reprodução do semiárido.** Salvador: Eduneb, 2020.

SOUZA, Neucimeire Santos de. **Web Tv Caatinga e o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro: um estudo de recepção no ambiente escolar.** 2021. p. 227. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2021.

UNIFOR. **A diversidade alimentar da caatinga e o futuro da gastronomia brasileira.** Disponível em: <https://www.unifor.br/-/a-diversidade-alimentar-da-caatinga-e-o-futuro-da-gastronomia-brasileira>. Acesso em: 17 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **A TV Caatinga.** Disponível em: <https://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/tvcaatinga>. Acesso em: 12 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Vozes do velho: ritmo, poesia e cidadania.** YouTube. 2016. Disponível em: https://youtu.be/Fn2PtZY97_g?si=5KYobYpuYdRmtMQy. Acesso em: 12 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Vozes do velho chico: das águas para o vinho.** YouTube. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/aA8gGfWgNPs?si=EMO8zD-qR0fhpj8x>. Acesso em: 11 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Vozes do velho chico: com café e afeto.** YouTube. 2016. Disponível em: https://youtu.be/KsoevP0Sys8?si=_qA2Chm94hrFb-3k. Acesso em: 11 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Vozes do velho chico: samba, cultura e herança.** YouTube. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/m0Bb-GiaUZw?si=450ubvEJ7GCv33Mr>. Acesso em: 11 abr. 2024.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Vozes do velho chico: terra e coletividade.** YouTube. 2016. Disponível em: https://youtu.be/E-9aTjf2zbw?si=XpgIKSW6UkFjBS_5. Acesso em: 11 abr. 2024.